

GENÉTICA ao alcance de pequenos produtores



Pioneirismo e inovação têm sido marcas associadas às atividades da Cabaña da Maya, de Bagé-RS, desde sua implantação, em agosto de 2003. Afinal, foi lá que se fez a clonagem da primeira vaca de leite registrada no Brasil. Filhas de “Responses Wonder”, várias vezes premiada no Brasil e no Exterior, incluindo Madison-EUA, os dois clones da raça Jersey obtidos vivem hoje nos campos da Maya, carregando todos os genes da mãe.

O sucesso tem sido parceiro permanente na curta caminhada de oito anos de atividades. Depois de começar com um trator, área arrendada e dois funcionários, a propriedade se consolidou, montou sua equipe de trabalho, e tem levado seu nome e o nome do município de Bagé para muito além das fronteiras do País.

A criação de gado Jersey de excelência foi apenas o ponto de partida de uma exploração agropecuária que atualmente compreende também a criação de gado de corte (Angus e Simental), gado Holandês, ovinos, e ainda cavalo Crioulo. A área de 110 ha iniciais agora soma dez vezes mais, sendo 380 deles destinados a lavouras de milho, soja e arroz. Pequenos regatos deram lugar a açudes, como

Em Bagé-RS, fazenda adota ação voltada para pequenos produtores bancando o fornecimento de animais e sêmen de gado Jersey. É o que chama de responsabilidade social

EDSON LEMMOS

forma de proteção contra as seguidas estiagens da região.

A propriedade ganhou novo perfil e hoje conta com laboratório para fertilização *in vitro* e sala de cirurgia, entre outras instalações. A fábrica de queijos aguarda autorização do Ministério da Agricultura para funcionar. Uma casa de cultura para valorização da arte regional, chamada de “Espaço Cultural da Maya”, foi criada e é mantida no centro da cidade de Bagé, explicitando o compromisso assumido pela cabaña com a comunidade local.

Mas o foco prioritário do trabalho da Maya continua sendo a produção e difusão de genética de gado leiteiro, que faz questão de dividir especialmente com os pequenos produtores. Tal estratégia é acompanhada de perto pela carioca Zuleika Borges Torrealba, que aos 78 anos comanda “com sopro e chicotinho” – como gosta de dizer –, as pluriatividades que se desenvolvem a partir da cabaña. A mais recente nesse sentido é a formação de uma inédita parceria com um grupo de produtores.

“A nossa proposta é abrir a genética Jersey para o pequeno produtor, disseminando qualidade, progresso e riqueza à nossa volta. Não interessa poder gastar, enquanto o

meu vizinho está 'penando' para fazer 1 litro de leite ou para dar de comer à sua vaca", diz ela, destacando que existe um certo descasamento entre o setor mais abastado e o cenário que se vê em volta. "A função do empresário que tem uma possibilidade econômica maior é interferir em sua realidade. É a chamada responsabilidade social", argumenta a criadora.

AÇÃO INICIAL COM 10 PROPRIEDADES

- A parceria estabelecida com o que chama de Grupo 10 é traduzida por um comodato pelo qual a cabaña cede bons animais que vão, aos poucos, substituir vaquinhas de pouca produção por outras mais produtivas. "Não se trata de animais de 20 litros/dia, para os quais esses produtores ainda não teriam estrutura alimentar adequada. No entanto, é o primeiro estímulo para um trabalho de melhoria de produção e genética nos rebanhos", cita.

Segundo ela, os produtores do grupo pagam o investimento de acordo com suas possibilidades. "Não há qualquer parceria com o poder público nem com as cooperativas, as quais, aliás, só ofereceram resistência até agora, prejudicando os produtores", lamenta Zuleika. Um grupo de 50 animais (novilhas e vacas em lactação) já foi entregue a dez produtores, que se comprometeram, após um período de carência, a pagar o custo dos animais dentro de dois anos.

A moeda estabelecida foi o leite. Uma das metas da ação é fazer com que o produtor se organize e, em breve, possa adquirir mais animais, fortalecer o seu negócio, melhorar financeiramente e ganhar confiança para crescer ainda mais. "Não tenho pretensão de salvar o mundo, nem de resolver os problemas econômicos e sociais do País, mas gosto de estar rodeada de gente de sucesso", diz Zuleika, que assumiu o risco de bancar o projeto.

Paralelamente, a Cabaña da Maya mantém um projeto de distribuição de sêmen, utilizando touros filhos de grandes campeãs canadenses e de embriões, a preços bem acessíveis. "Temos certeza de que este produto vai dar melhor resultado do que muitas das sobras desses materiais trazidas por algumas das centrais que atuam no País", diz Chico Vieira, administrador da cabaña e "braço direito" de dona Zuleika na citada empreitada.

Para dar suporte a esse trabalho, a Maya já procedeu ao mapeamento genético de seus animais, ferramenta que vai ajudar no trabalho com embriões e touros. A técnica da transferência de embriões, por sua vez, vai fazer com que uma vaca que dava uma cria por ano forneça a



Vieira e Zuleika conduzem o projeto marcado pela ação social

cada 60 dias cinco embriões, em média, ou cerca de duas a três prenhez. Utilizando a fertilização *in vitro* é possível coletar a cada 15 dias, encurtando ainda mais o intervalo de disponibilidade de material.

A ideia é agregar parceiros dispostos a caminhar juntos no projeto. Nesse sentido, já estuda a possibilidade de montar uma fábrica para a produção de ração e até mesmo de constituir um corpo técnico para assessorar os produtores. Nada disso, entretanto, vai sair de graça. Embora não se esteja pensando no negócio visando fins comerciais, não há disposição para perder dinheiro. "O produtor pre-

cisa pagar um preço dentro da condição dele", lembra Vieira, atento ao desafio de abrir a propriedade para ajudar as pessoas e, ao mesmo tempo, equilibrar os custos da cabaña.

PRODUTORES ANIMADOS E AGRADECIDOS

- No município de Aceguá-RS, dona Maria Helena Gomes Costa trabalha com o filho Mateus em 93 ha da família, onde mantém gado de leite, ovinos e gado de corte. O rebanho leiteiro compreende 50 animais, dos quais, 12 em lactação, sendo a atividade econômica mais forte da propriedade. Mãe e filho se mostram animados por participar do Grupo 10 da Cabaña da Maya e principalmente pela perspectiva de melhorar profissional e economicamente. Hoje, produzem 135 litros/dia, mas têm como meta chegar aos 1.000.

Oscar Hamm, proprietário de 45 ha na Colônia Pioneira, que nasceu e se criou com leite trabalhando com o pai, também está animado. Ele retornou à atividade não faz muito, auxiliado pelo filho, que toma conta da leiteria a maior parte do tempo. Mais antigo na atividade, Hamm é considerado o "professor" pelos demais do Grupo, que pedem e recebem orientações de todo tipo. Ele acredita que os 330 litros/dia que tira atualmente podem chegar, em um futuro não muito distante, em 1.000 litros/dia.

Eberson Morales de Oliveira, que trabalha em 21 ha na Colônia Santa Vitória com a mu-



Na cabaña da Maya, a criação e a oferta de bezerras Jersey



Produtores do Grupo 10, acompanhados pelo agrônomo Juliano Anselmo (E).

Iher e um filho, tem uma história curiosa. Ex-funcionário de laticínio, há sete anos começou na produção de leite com duas vacas emprestadas e 20 outras alugadas. O dono das vacas arrendou o lote e o arrendatário não queria saber de vacas. Como Ebersson tinha terra e não tinha vacas, acertaram negócio. Em 20 vacas, paga um aluguel de 2,67 litros de leite/dia por vaca. Tudo

feito com 'contrato de boca', por três anos.

Metade desse gado já foi devolvida, mas a outra metade continua com ele. Foi o meio que encontrou para viabilizar seu negócio. Depois de "peludiar muito", com diz ao se referir às dificuldades enfrentadas, inclusive com período sem comida para o gado, Morales conta hoje com um rebanho de 27 animais, sendo 12 bezerras e uma produção

de 360 litros/dia. Sua meta imediata é chegar a 500 litros/dia, volume que considera que dá para viver bem.

Considerada porta-voz do Grupo 10, dona Maria Helena aposta que o leite vai melhorar muito na região. Para isso, sabe que precisarão persistir em busca de informações para se aperfeiçoarem como produtores. "A assistência técnica ainda é precária. Sem a Maya, que tem emprestado equipamentos de plantio, enfardadeiras e orientação sobre questões técnicas, não teríamos muito a quem recorrer", ela cita, destacando que o grupo precisa de apoio, especialmente para vencer o período de inverno, quando falta pasto.

Mas de forma geral todos estão animados e esperançosos com o projeto.

Consideram o gado Jersey o mais indicado para suas condições, já que tem boa resistência ao clima, às doenças, se cria rápido e fácil, e se desloca com facilidade, o gasto com comida é menor. Outro aspecto positivo é a confiança depositada pela Cabaña da Maya no trabalho de cada um e o fato de não precisarem "meter a mão no bolso" para começar a viver a perspectiva de uma nova vida. ■

COMPROMISSO COMUNITÁRIO

Desde quando começou a fincar raízes nos campos da região, a Cabaña da Maya estabeleceu compromisso com a comunidade local. Os animais nem haviam se "aquereciado" ainda ao solo e clima da região da Campanha e mil litros de leite já eram distribuídos, de graça, na periferia de Bagé, a famílias carentes. E esse trabalho se mantém até hoje, agora com a ajuda de alguns parceiros comerciais, que alcançam cestas básicas para distribuição.

Como nem tudo são flores na jornada de quem ousa novos caminhos, as ações da Maya produziram impacto na região. Setores tradicionais se sentiram ofendidos e confrontados em sua dominação histórica. A proposta de mudança, de nova visão e postura social foi tomada como um desafio. Em resposta, trataram de isolar a cabaña, negando se unirem a ela em qualquer iniciativa. E logo se seguiu a maledicência visando desqualificar a postura empresarial e o trabalho realizado. No entanto, a comunidade tem se mostrado favorável às mudanças.

Quando a proprietária da cabaña, Zuleika Torrealba, adquiriu uma casa do ano de 1864 no centro de Bagé e, depois de restaurá-la, colocou à disposição dos bageenses para servir como



Estudantes durante visita ao espaço cultural mantido pela fazenda

local de expressão da arte regional, os laços se estreitaram ainda mais com a população local. Surgiu o Espaço Cultural da Maya. A ousadia de aproximar campo e cultura, buscando a valorização do rural, é explicada assim pela empresária.

"Com a casa vi uma oportunidade de promover o acesso da população do município à cultura. Sempre entendi que não há riqueza, não há sucesso sem que se estenda isso também à nossa volta. Para mim, a elite de um país é quem produz, quem faz a riqueza; não quem é bem nascido", justifica ela. Na prática, o Espaço Cultural estabeleceu convênio com a rede municipal de ensino e vem proporcionando a crianças da faixa de 10 a 15 anos de idade o contato com

obras e artistas que expõem seu trabalho no local.

Ao mesmo tempo, crianças de 7 a 10 anos são estimuladas a participarem do chamado Clube da Terneira. Uma cabeça de vaca Jersey e outra de vaca Holandesa estampam seus aventais, simbolizando a união das raças. Bombachas brancas e chapéu, típicos da região, reforçam as origens e a ligação com a terra nativa. Ao desfilar com os animais pela pista, puxadores mirins se enchem de orgulho. Além dos filhos de funcionários da Maya, vizinhos e mesmo outras crianças podem participar do grupo, que tem como meta aproximar a infância do trabalho desenvolvido pelos adultos na região.